

A VIDA E A LÍRICA DE CAMÕES

Maria José Santa Rosa Borges de Castro

Não se sabe bem onde nasceu Luís Vaz de Camões. Segundo Faria e Sousa, ao publicar o registro da Armada de 1550, teria Camões nascido em 1524 ou 1525, provavelmente em Lisboa. No entanto, apesar das pesquisas empreendidas pelos biógrafos, que escreveram sobre Camões, também não nos é possível saber ao certo dados reais sobre sua família. Admitem os documentos retransmitidos que tenha o poeta vindo de uma família aristocrática e que os seus estudos tenham tido a "direção dos frades crúzios", conhecedores que eram da cultura e da língua clássica, dos quais teria o autor de *Os Lusíadas* haurido tanto saber acerca de Homero, Virgílio, Horácio, Ovídio, Petrarca e outros.

Por intermédio de um tio seu, "escalador de conventos", foi introduzido na corte do El-Rei D. Sebastião. Alguns biógrafos afirmam que, por ter dedicado alguns versos à Infanta D. Maria, filha de El-Rei e de sua terceira esposa, talvez tenha sido afastado da corte, indo amargar seu exílio às margens do Ribatejo. Em um dos combates de que participou em Ceuta, perdeu o olho direito, tendo retornado a Lisboa, ao terminar as suas obrigações militares.

Em Lisboa, feriu Gonçalo Borges com a espada e foi preso, permanecendo na prisão por 9 meses. Libertado com o perdão do El-Rei D. João III, logo depois é engajado no Serviço Militar e parte para as Índias. Ao chegar a Macau, participa de vários combates. Sua vida na Índia é muito atribulada. Os conhecimentos adquiridos através dos caminhos percorridos pelos portugueses no Oriente serviram para que iniciasse *Os Lusíadas*. Quando voltava de Goa, o navio em que viajava naufragou. Camões foi salvo juntamente com Leo-

nel de Sousa e mais 23 pessoas por um pequeno barco. Nesse naufrágio, porém, morreu Dinamene, "uma escrava chinesa, companheira fiel no exílio". Muito tempo depois Camões cantaria em sua lírica aquela que, segundo afirmam Joaquim Ferreira e outros, inspirou o soneto "Alma minha gentil que te partiste". Camões cultivou os três gêneros da poesia: o lírico, o épico e o dramático.

Escreveu as seguintes peças de teatro: Anfiriões, Auto de El-Rei Selenco e Filodemo. "As peças dramáticas de Camões distanciam-se muito da elevação literária alcançada pelo Lírico e pelo Épico". Mostram muito bem a influência do teatro vicentino e da comédia clássica.

Os *Lusíadas* está entre os grandes poemas heróicos da história da humanidade. Virgílio e Homero o acompanharão sempre, mas o poema é tipicamente nacional, pois "não canta só um herói, mas todo o povo português". Fala ainda das grandes descobertas e conquistas realizadas pelos lusitanos.

Camões é considerado o poeta de mais alto valor de Portugal. Sua produção lírica apresenta, do ponto de vista da forma e da temática, duas vertentes: a que se inspira em valores estéticos medievais e a que se liga aos valores do período renascentista. Stock, um dos seus mais ilustres biógrafos, chamou-o "produto da Renascença".

Dentro da lírica camoniana predominam os temas amorosos. Tanto os que se prendem ao amor carnal como os que se referem ao amor espiritual, aqui residindo a contradição interior que marca profundamente a lírica do incomparável vate português.

As amadas de Camões não se sabe ao certo quais foram. Várias serviram de musa para a sua obra lírica. Além de Dinamene, dedicou "endechas" a Bárbara, uma escrava, a "cativa que o tinha cativo", sobre a qual nada se sabe ao certo. Uma das primeiras a ocupar a vasta imaginação do poeta foi sua prima Isabel Tavares, chamada "a menina dos olhos verdes", a qual foi por ele enaltecida "sob o anagrama de Behisa", sendo, porém, efêmera a sua influência sobre o bardo. D. Catarina de Ataíde, a Natércia, segundo a tradição, foi a mais decantada pela sua paixão. Não se pode negar que ela tenha nas "líricas camonianas" a importância que lhe foi atribuída por alguns biógrafos.

O certo é que foram muitas as mulheres que lhe serviram de inspiração, as quais Camões idealizou tão magistralmente na sua Lírica, através de sonetos, odes, elegias, églo-

gas, sextinas e oitavas, e nas redondilhas. Camões endeu-sou-as com o seu lirismo platônico, eternizando-as.

O ápice da lírica camoniana está voltado todo para o amor. Desse amor imortalizado em sua lírica surgiram as inspirações para sua realização. Camões tratou de outros temas diferentes nos seus versos, mas foi o amor o caminho principal da inspiração que o elevou sob a influência petrarquiana. Sabe-se bem o quanto esta influência contribuiu, para as suas líricas, através de suas rimas para a poética do Século XVI. Na Espanha não faltaram Boscán e Garcilasso, grandes discípulos de Petrarca. Assim também Camões o absorveu o mais que pôde. Em *Os Lusíadas* evocou-o no canto IX (1“tra la spica e la man, qual muto he messo”) e em algumas passagens citou-lhe o nome: “Vós outro que amais pela passiva, dizeis que o amor frio como melão não há de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o nosso Petrarca, e o nosso Pietro, ateadado de arte, mostrando razões verossímeis e aparentes para não quererdes mais de vossa dama que vê-la”.² A admiração de Camões por Petrarca foi mais larga e mais profunda, assim nos mostra a historiografia, desde Faria e Sousa a Stock, evidenciando o aproveitamento que Camões fazia das estrofes, versos inteiros, pensamentos e imagens de Petrarca. Petrarca não o influenciou somente na exteriorização das líricas, nos sonetos, nas canções, nas sextinas etc.; sua influência predominou também nas Rimas e nos Triunfos. No entanto, é necessário que tenhamos uma visão, mesmo que seja da imitação, para que possamos sentir a sua originalidade. Falamos dos sonetos dedicados a Dinamene e a Laura.

Por Camões e Petrarca, respectivamente.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

1 — Ferreira Joaquim — *História da Literatura Portuguesa* — 3.^a Edição — Porto Domingos Barreira — 1964.

2 — *Idi ibid.*, 353.

Se lá no assento etéreo onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te,

Roga a Deus que os teus anos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

II

Anima bella, da quel nodo sciolta
Che più bel mai non seppe ordire Natura,
Pon dal ciel mente alla mia vita escura,
Da sì lieti pensieri a pianger volta.

La falsa opinion dal cor s'è tolta
Che mi fece alcun tempo acerba e dura
Tua dolce vista: omai tutta sicura
Volgi a me gli occhi, e i miei sospiri ascolta.

Mira 'l gran sasso donde Sorga nasce;
E vedravi un che col tra l'erbe e l'acque
Di tua memoria e di dolor si pasce.

Ove giace 'l tuo albergo e dove nacque
Il nostro amor, vo' ch'abbandoni e lasce,
Per non veder ne' tuci quel ch'a ti spiacque.

O poeta lamenta a morte prematura da amada e roga-lhe: "Se lá no assento etéreo onde subiste, memória desta vida se consente", isto é: o poeta pede-lhe se lá de onde ela está é permitido lembrar-se do amor terreno, que não se esqueça deste amor que ficou aqui na terra. Assim também Petrarca se dirige à alma:

"Anima bella, da quel modo sciolta che diò bel mai non seppe ardir natura".

O mesmo tema. Eis a imitação camoniana. Há, entretanto, uma diferença. Em Camões, existe "uma religiosa e casta timidez na evocação da melindrosa amada celestial, uma condicional não expressa nos sonetos de Petrarca, atenuando a irreverência do pedido" (Pellizzani — crítico italiano).

"No retrato da amada, Camões não faz mais do que seguir o padrão de Laura".

Mais adiante Camões se dirige a Dinamene, desejando que o seu sofrimento (e a dor que ele sente) seja benéfico para ela; pede a Deus que a levou tão cedo que o leve também, para que possa realizar simbolicamente as suas aspirações místicas.

"Nem o túmulo os separa, aos dois corações amantes. Petrarca dirige a Laura os terníssimos queixumes de saudade e do amor". (Joaquim Ferreira). (3)

Camões também rememora incansavelmente a bem-amada, cantando-a e chorando-a em versos de um lirismo e de um lamento dignos de seu "êmulo".

Camões soube dar melancolia, com sentimentos inspirados, "à musicalidade dos sons", e não existe no soneto uma palavra relevante que seja clara ou aberta, ao contrário de Petrarca, no que se vale das rimas de fortes vibrações.

Vejamos então a diferença do Amor — Dor entre Petrarca e Camões.

Petrarca, nas suas poesias, *dedilhava* motivo para dedicar elogios à *bem-amada*; e nesse rendilhar de *sutilezas* a emoção não chegou a dramatizar a sua tão ávida eloqüência. Podemos vê-lo bem em uma das suas obras manuscritas dedicada a Virgílio.

"Laura, formosa por suas virtudes e a quem meus versos fizeram conhecida em todo o mundo, mostrou-se aos meus olhos pela primeira vez na manhã de 6 de abril de 1327, na Igreja de Santa Clara em Avinhão". Neste pequeno comentário, Petrarca está convicto da imortalidade de Laura. Cantá-la era torná-la "conhecida em todo o mundo".

Em Camões é diferente. O Amor — Dor é mais burilado pela sua língua fluente. O Amor — Dor torna-se mais humano que o de Petrarca, torna-se mais sentimental e a dramaticidade mais eloqüente.

3 — Ferreira, Joaquim — *História da Literatura Portuguesa* — 3.^a Edição
Porto Domingos Barreira — 1964.

No Século XVI, as teorias do Platonismo e do Petrarquismo "eram sinônimos na estética literária". Platão com a sua teoria não deixou de influenciar os poetas da época. E Camões, através dessas correntes ideológicas, produziu "as obras-primas do seu lirismo".

Quando Camões começou a escrever os seus poemas, na poesia portuguesa já existiam dois grandes mestres: Bernardin Ribeiro e Sá de Miranda, ambos com influência italiana.

Camões também usou da redondilha maior, que já existia nos velhos cancioneiros trovadorescos e que contribuiu para o aperfeiçoamento de "alguns" líricos do "Cancioneiro Geral de Resende".

Camões usou-a sempre com a sutileza que lhe era peculiar e a seu modo, por meio de formas belas, artisticamente criadas.

Suas redondilhas possuem características próprias, camonianas, já bem acentuadas no seu lirismo.

Estávamos na época colonial. Pertencíamos "ao Império Lusitano" e a nossa literatura não tinha ainda se desenvolvido o suficiente, para que nós pudéssemos tomar conhecimento de nós mesmos.

O humanismo renascentista chegou até nós, por todo esse período, em quatro principais manifestações literárias: "a poética camoniana, o gongorismo, o movimento acadêmico e o arcadismo." (4)

Na lírica, especialmente, Camões será o modelo "principal" da poética a partir do século XVI, pelo menos até o aparecimento de Fernando Pessoa, que marcou o instante da chamada poesia Pessoaana.

A influência de Camões foi tão marcante na nossa literatura, que os poetas brasileiros (Épicos ou Líricos), através da leitura dos *Lusíadas*, escreveram poemas sobre a nacionalidade, destacando-se o *Uruguai* (José Basílio da Gama — (1769) e o *Caramuru* (Fr. José de Santa Rita Durão — (1781), em moldes que seriam depois aproveitados pelo Romantismo Indianista.

Voltamos a afirmar que Camões influenciou todos os poetas brasileiros da época colonial, não chegando a ser de larga duração na sua parte épica; no entanto, a lírica se infiltrou

4 — LIMA, Alceu Amoroso — *Introdução à Literatura Portuguesa* — pág. 27, 3.^a Edição — 1964 — Livraria Agir — Editora Rio de Janeiro.

na "nossa poesia", passando pelo período "clássico" e chegando até as composições românticas. Sua lírica influenciou os poetas parnasianos, simbolistas e até mesmo os modernistas.

Podemos citar Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade.

Sobre a influência épica de Camões na nossa poesia, escreveu Alceu Amoroso Lima: "A corrente camoniana de nossa literatura colonial não foi abundante, como, aliás, não foi nenhuma das correntes literárias coloniais. Mas foi representativa desse aspecto de repercussão que vinha assumir a literatura no nosso meio". E mais adiante ele vem afirmar que "A musa épica, entretanto, nunca se aclimatou bem, em nossa terra". (5) Afrânio Peixoto foi pioneiro ao escrever sobre Camões no Brasil, no qual se referia a alguns escritores que se inspiraram na obra e na vida do poeta português.

Bento Teixeira, o primeiro poeta a escrever, no Século XVI, um poema épico-laudatório — "Prosopopéia", nos moldes de *Os Lusíadas*, contava "fatos históricos passados havia menos de vinte anos". É dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Pernambuco das Partes do Brasil na nova Lusitânia, publicado em 1601, no final do Século XVI, possui noventa e quatro estrofes em oitava-rima e narra os grandes "feitos militares" de Jorge de Albuquerque e de seu irmão Duarte Coelho de Albuquerque.

Quanto à poesia épica do Século XVII, encontramos um poema que teria sido escrito por Manuel Ferreira de Lemos, intitulado "Brasilida". (Cantava a restauração da Bahia, em 1625).

No entanto, Sacramento Black (V. VI p. 81) informa que este poema não chegou a ser impresso.

No Século XVIII — mencionamos Claudio Manuel da Costa (1729-1789), Alvarenga Peixoto (1743-1792), Tomás Antonio Gonzaga (1774-1810), Silva Alvarenga (1749-1814) e muitos outros. Todos em suas obras fazem referências a Camões.

No período do classicismo, apareceram muitos outros poetas influenciados por Camões. Mas para concluir essa parte referente ao classicismo, falemos um pouco de José

5 — LIMA, Alceu Amoroso — *Introdução à Literatura Portuguesa* — op. cit. pág. 27.

da Natividade Saldanha (1796-1863), lírico, mas que usou de epígrafes camonianas na "Ode Pindárica" que dedicou a André Vidal de Negreiros. Nessa "Ode" ele cita Camões e Adamastor "na Ode a Henrique Dias": "Oh mil vezes ditoso, o que da lira (...). / Não deixa sepultar a pátria glória / Assim Camões divino, Ergueste, O'Gama, eterno monumento." Adamastor é citado na estrofe seguinte.

No Romantismo, apresentavam-se também algumas manifestações épicas, dedicadas a temas indígenas. Não se sabe se faltou aos poetas "engenho" e "arte", ou se foi falta de assunto relacionado ao épico, ou se a poesia épica já havia terminado o seu ciclo.

Grande parte dos poetas do romantismo não se afastou de todo de Camões. Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias usaram nas epígrafes versos líricos ou épicos camonianos. Alvares de Azevedo (1831-1851), no "Poema do Frade" deixa transparecer os moldes de Camões. Casimiro de Abreu (1834-1860) escreveu em Lisboa a sua peça "Camões e o Jau". (6) Em Junqueira Freire (1832-1855) e em Fagundes Varela (1841-1875) a influência camoniana, se realmente existe, está muito bem disfarçada, o que não acontece com Castro Alves (1847-1871). (7) Ele usava em muito dos seus poemas a oitava-rima, principalmente no final do *Navio Negreiro* ("cuja concepção lembra bastante alguns traços de *Os Lusíadas*"). (8)

Todos eles revelam muito bem a sua identidade com a poética camoniana. Paramos aqui, na parte do período romântico, porque se formos nos alongar mais, correremos o risco de nos tornar muito prolixos e ainda queremos falar um pouco da influência camoniana no modernismo.

Antes de passarmos para o período modernista, gostaríamos de mencionar o nome de José Albano (1882-1932). José Albano, não obstante seu gênio próprio, a sua força de criação recebeu influência marcante do poeta português, e foi o seu discípulo entre nós.

- 6) ABREU, Casimiro de. *Grandes poetas românticos do Brasil*. In: **Obras de Casimiro de Abreu**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.
- 7) As obras de Junqueira Freire, Fagundes Varela e Castro Alves foram consultadas na edição — *Grandes poetas românticos do Brasil*, já mencionada.
- 8) TELES — Gilberto Mendonça — **Camões e a Poesia Brasileira** — Edições Q. MEC 1976 — 2.^a Edição — São Paulo.

O Modernismo, como sabemos, foi uma revolta contra o passado. A procura de novos valores, novas maneiras de se expressar. Isto tudo incentivado "pelos movimentos ("Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Espiritonovismo", fazendo-nos crer que os poetas modernistas incluíam Camões entre os seus tão criticados Mestres do passado, conforme citação de Mário de Andrade. (9)

Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e muitos outros novos escreveram inspirados na obra de Camões.

Manuel Bandeira (1886-1968), no seu primeiro livro *A Cinza das Horas* — 1917 dedica um soneto a Camões "quando n'alma pesar de tua raça/a névoa da apagada e mil tristeza/busque ela sempre a glória que não passe./ Em teu poema de heroísmo e de beleza", e no final:

"Não morrerá sem poetas nem soldados,
A língua em que cantaste rudemente,
As armas e os barões assinalados."

Mário de Andrade também se refere a Camões em várias passagens de sua obra. Cassiano Ricardo (1895-1974) fala sobre Camões e seu poema "Martim Cererê" tem reflexos camonianos.

Vinicius de Moraes (1913) possui sonetos em que se nota "a influência estilística de Camões". "O Soneto da Fidelidade", que fala de um amor "Que não seja imortal, posto que é chama/mas que seja infinito enquanto dure". E assim tivemos uma pequena visão da influência camoniana nos nossos poetas tradicionais como naqueles mais modernos. Todos souberam render-lhe homenagem, através de seu nome, de temas, de imagens e, acima de tudo, pesquisando sempre a sua obra, à procura de elementos inspiradores. Podemos assim repetir as palavras de Gilberto Mendonça Teles: "A obra de Camões continua viva na literatura brasileira, constituindo uma de suas mais importantes fontes temáticas e estilísticas".

9) Andrade, Mário de. **Poesias completas**. São Paulo, Martins, 1966.

É Obra imatura. São Paulo, Martins, 1966. É Obra imatura. São Paulo, Martins, 1960.

10) Bandeira Manuel — **Poesia e Prosa** — Rio de Janeiro, Aguilar, 1958,

BIBLIOGRAFIA

- LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução à Literatura Brasileira**, Rio, Livraria Agir Editora, 1957.
- CASTELO, José Aderaldo — **A Literatura Brasileira** — 1.º vol. Manifestações Literárias da Era Colonial — Editora Cultrix.
- TELES, Gilberto Mendonça — **Camões e a Poesia Brasileira**, Edições Quenion, MEC — 2.ª Edição — São Paulo — 1976.
- RAMOS, Feliciano — **História da Literatura Portuguesa** — 7.ª Edição. Braga, Livraria Cruz Editora — 1963.
- CIDADE, Hernani — Luís de Camões — **O Lírico** — 3.ª Edição. Lisboa Ocidente, 1943.
- DE OLIVEIRA, Cândido — **Súmulas de Literatura Portuguesa** — Décima, Quarta Edição — Gráfica Biblos Ltda. Editora — São Paulo.
- FERREIRA, Joaquim — **História da Literatura Portuguesa** — 3.ª Edição Porto, Domingos Barreira, 1964.
- SARAIVA, Antonio José — Lopes Oscar — **História da Literatura Portuguesa** — 3.ª Edição.
- D'ALGE, Carlos — Camões: **O Real e o imaginário**. *Jornal O Povo* — 25/03/80. Fortaleza — Ceará.
- MASSAUD, Moisés — **A Literatura Portuguesa** — 16.ª Edição — Editora Cultrix Ltda. — São Paulo.
- ABREU, Casimiro de. Grandes poetas românticos do Brasil. In: **Obras de Casimiro de Abreu**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**, São Paulo — Martins, 1966. É Obra imatura. São Paulo, Martins, 1966. É Obra imatura. São Paulo, Martins, 1960.
- BANDEIRA, Manuel — **Poesia e Prosa** — Rio de Janeiro, Aguilar — 1958.